

ENSINO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE DIZ O MANUAL DIDÁTICO?°

Elisabeth Silva de Almeida Amorim ¹

RESUMO

Ensinar literatura brasileira para um público jovem do Ensino Médio de escola pública é sempre um desafio prazeroso. Fazer com que a leitura invada cada canto da escola, da casa, da vida do estudante é uma tarefa árdua, porque o professor de literatura disputa a atenção com os aparelhos celulares conectados às redes sociais acessíveis aos jovens estudantes. O objetivo deste texto é apresentar passos metodológicos utilizados para o ensino de literatura brasileira, conforme aparecem nos manuais didáticos, nas discussões sobre o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902). Sabendo que o livro euclidiano tem como temática o massacre contra a população sertaneja e pobre, ocorrido em Canudos, cidade baiana, cenário da Guerra de Canudos (1896-1897), é de interesse investigar como e quais textos dialogam com *Os Sertões*. Utilizando uma pesquisa investigativa, recorreremos a manuais de Língua Portuguesa, volume 3, de cinco editoras interligadas ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Como a tragédia ocorrida em Canudos foi orquestrada pelas autoridades, representadas pelas instituições Estado e Igreja, a linguagem empregada e as estratégias de leitura utilizadas para discutir o assunto possuem um alto índice de complexidade. Através deste estudo, esperamos proporcionar reflexões sobre os diálogos entre a literatura e outras manifestações artísticas e culturais, bem como avaliar as estratégias utilizadas por manuais didáticos que discutem a Guerra de Canudos pelo viés literário.

Palavras-chave: Literatura. Ensino, Manual didático, Educação Básica, Os sertões.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no ensino da literatura na educação básica em uma era de sociedades conectadas em redes, nosso olhar se volta rapidamente para as escolas, instituições permeadas por regras, projetos, valores e missões. Elas desempenham um papel fundamental ao proporcionar aos estudantes experiências significativas de leitura e escrita. Nesse contexto, o manual didático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira para o Ensino Médio exerce uma função que vai além da apresentação de textos, autores e regras gramaticais. Ele deve promover a inserção do leitor para além do

¹ Mestre e Doutoranda em Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia / UNEB, Escritora, administradora do blog e canal Toque Poético, e-mail mrs.bamorim@yahoo.com.br

texto escrito, uma sociedade sobrecarregada de informações, mas ainda carente de leitores críticos.

A velocidade com que as informações nos chegam é surpreendente. No entanto, muitos estudantes, mesmo com os celulares em mãos, os utilizam principalmente para trocar mensagens com colegas, transformando esses dispositivos pessoais em ferramentas de bate-papo, por meio de diversos sites de relacionamento. Ao investigar o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), nos manuais didáticos, percebemos como o enredo da Guerra de Canudos — um evento histórico que resultou no massacre de uma população formada por vaqueiros e lavradores que se rebelaram contra impostos abusivos e leis republicanas — é discutido de maneira sutil nesses materiais.

Com intuito de apresentar algumas estratégias presentes nos manuais didáticos investigados, nas discussões do livro de Euclides da Cunha, cujo tema é a Guerra de Canudos, selecionamos cinco editoras contempladas com o Programa Nacional do Livro e Material Didático: FTD, Ática, Leya, Moderna e Saraiva. Sendo quatro coleções da FTD, três da Ática e as demais editoras uma coleção.

O livro *Os sertões* após mais de um século de publicação continua presente nas salas de aulas, não é uma leitura fácil, mas estudantes de ensino médio ao discorrer sobre os primeiros movimentos pré-modernistas no Brasil, encontra-se Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, como destaque, assim como Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto dos Anjos. Ora Euclides é lembrado como um grande jornalista que veio à Bahia cobrir o final da Guerra de Canudos, ora Euclides é intelectual indomável, com comportamento instável devido problemas conjugais.

É válido ressaltar que o livro em discussão é estruturado em três partes: A terra, O homem e A luta. No entanto, é na terceira parte que o autor explora o massacre ocorrido em Belo Monte/ Canudos entre os anos 1896-1897. Na condição de correspondente do Jornal Estado de São Paulo, o escritor Euclides da Cunha pisou em solo baiano para cobrir o desfecho da guerra. E o cenário encontrado mudou completamente a visão de “sertão” e da população de “rebeldes e monarquistas” propagados nos jornais. Ao conhecer as atrocidades dos militares contra prisioneiros, eis a necessidade de escrever um livro, a partir dos registros da caderneta de bordo, dados de entrevistas, observação como testemunha ocular dos fatos ocorridos no cenário de guerra. O primeiro confronto entre combatentes de Canudos e os militares na cidade de Uauá, o escritor faz questão de reforçar a veracidade do caso.

Mas não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiávamos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis que alteavam, inermes vultos e imagens dos santos prediletos, e palmas ressequidas retiradas dos altares. Alguns como nas romarias piedosas, tinham à cabeça as pedras dos caminhos e desfiavam rosários de coco. Equiparavam aos flagelos naturais que, ali descem periódicos, a vinda dos soldados. Seguiam a batalha rezando, cantando – como se procurassem decisiva prova às suas almas religiosas. (Cunha, 2018, pp 176-177)

Cunha deixa claro que os combatentes usavam armas rústicas e improvisadas como ferramentas de defesa. Ao saberem que Canudos estava sob ataque militar, eles foram ao encontro dos soldados, não em silêncio, mas cantando e rezando. Nesse primeiro embate, dez militares morreram e mais de cem sertanejos perderam a vida. Surge, então, a inquietação sobre como a obra de Cunha é apresentada nos manuais didáticos do ensino médio, o que motivou uma investigação sob a perspectiva intersemiótica, conforme defendida por Roland Barthes (2001), e numa abordagem desconstrutivista à luz das contribuições de Jacques Derrida (2014). Assim, seguimos os passos metodológicos necessários para, em seguida, apresentar alguns resultados dessa investigação.

PASSOS METODOLÓGICOS

Quem é o peregrino
Que caminha sem parar
Construindo cemitérios
Para as almas descansar
É Antônio Conselheiro
Um beato verdadeiro
Que tem muito a ensinar.
(José Américo Amorim, 2021)

O livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, serve de inspiração para muitos poetas, pesquisadores, escritores, artistas plásticos, entre outros. Apropriando-nos da epígrafe — um verso da poesia de José Américo Amorim, que traça a trajetória de Antônio Conselheiro, o líder religioso e político de Canudos no final do século XIX — surge a pergunta: o que ele fez de especial?

Durante muitos anos, Antônio Conselheiro foi apontado como o principal responsável pelo massacre. Devido a maneira rústica de pregar os ensinamentos

religiosos, o beato atraía atenção por onde passava, especialmente por suas prédicas e opiniões contrárias ao advento da República.

Conforme a investigação realizada em manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, especificamente nos volumes 3, voltados para estudantes do último ano do Ensino Médio, observamos que, entre as três coleções da Editora Ática (2005, 2011, 2013), apenas a primeira, de autoria de João Domingues Maia², destaca os "fatores geográficos, raciais e históricos" na discussão sobre o livro de Euclides da Cunha. No entanto, essa obra rotula os sertanejos de Canudos como "jaguços rebeldes". A mesma "rebeldia" mencionada por Maia (2005) se estende ao autor de *Os Sertões* ao enfatizar sua expulsão da Escola Militar.

O silêncio utilizado como escudo para evitar o comprometimento com a tragédia ocorrida em Canudos, resulta em uma tentativa de apagar um movimento literário e radical que precedeu o Modernismo no Brasil: o Pré-Modernismo. Embora alguns manuais abordem o movimento, ao omitir o livro de Euclides da Cunha, que denuncia a tragédia orquestrada pelas autoridades da época, deixam de informar parte importante da nossa história sob o viés literário.

No caso da Editora FTD foram 4 coleções investigadas (2005/2013, 2010 e 2016), sendo a coleção "Esferas das linguagens" com a visão mais crítica acerca do fato em discussão. As autoras Campos e Assumpção(2016)³ são felizes ao explorar, a partir do fragmento do livro *Os sertões*, a terra seca habitada por homens fortes. Em nenhum momento os sertanejos são descritos como os "rebeldes", "revolucionários" ou "monarquistas", adjetivos pejorativos frequentes em coleções de Língua Portuguesa de Ensino Médio.

Campos e Assumpção(2016) dialogam com o texto euclidiano e o artigo do crítico literário Francisco Foot Hadman (1997). De certa forma, as autoras se posicionam em relação ao fato histórico. Eis fragmento do artigo:

Cem anos passados, aquele destino trágico, que confrontou algozes e vítimas no maior "crime da nacionalidade" perpetrado, parece ter se alastrado, como maldição, para todo o território do país. O incêndio de Canudos espalhou-se por todo campo e cidade. O vento levou as cinzas para muito longe fora de qualquer controle. O grande desencontro de tempos dá-se hoje, simultaneamente, em muitos espaços. Essa é a grande herança dos modernos. Os avatares dos condenados de Canudos, em plena era da globalização, continuam a vagar sem nome, sem terra, sem história: são quase 60 milhões

² MAIA, João Domingues. Português. Volume único. São Paulo: Ática, 2005.

³ CAMPOS, Maria Inês Batista. ASSUMPÇÃO, Nívia. Esferas das linguagens. 3o. ano, 1 ed. São Paulo: FTD, 2016

de pobres, párias e miseráveis esquecidos do Brasil (quem é este gigante que dorme, enquanto seus filhos _ os mais novos e os mais antigos – agonizam nas ruas e estradas?) (Hardman, 1997 apud Campos e Assumpção, 2016, p.82)

É interessante o texto de Hardman explorado pelas autoras Campos e Assumpção, pois ele vai além da tragédia rural, destacando também as grandes catástrofes urbanas resultantes do desequilíbrio causado pela má distribuição de renda. Os "avatares de Canudos" se multiplicam, e as autoras do manual didático *Esferas da Linguagem* foram bem-sucedidas na escolha dos textos complementares.

Além do artigo de Hardman há outros artigos em diálogos com fotografias da Guerra de Canudos, de Flávio de Barros, caricaturas de Antônio Conselheiro, cinema a *Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende entre outros. Todavia, as autoras descrevem o líder religioso de Canudos como “Antônio Conselheiro, líder contraditório, peregrino, místico apareceu no sertão baiano acompanhado de beatos que vagueavam pela região numa vida de penitência...” (Campos e Assumpção, 2016, p.82)

A Editora Leya através do manual didático “Português: linguagens e conexões” assinado por Sette et al⁴, 2013 traz à tona uma minibiografia de Antônio Conselheiro, o grande nome de Os sertões, de Euclides da Cunha. Lembrando que o próprio Euclides foi também contraditório em descrevê-lo como fanático, sujo, monstruoso para depois afirmar o poder de liderança de Antônio Conselheiro a ponto de entrar para a história.

Antônio Vicente Mendes Maciel (1828-1897)⁵ foi um líder religioso brasileiro. Ele exerceu várias profissões, até que em 1859, começou a cruzar os sertões nordestinos, ganhando fama de milagreiro. Em 1893, passou a pregar o não pagamento de impostos e acabou preso. Depois disso, estabeleceu-se no arraial de Canudos, na Bahia, onde organizou uma comunidade na qual a posse de bens obedecia a princípios socialistas. Conselheiro se tornou um problema nacional para os governantes com os boatos que era a favor da restauração da Monarquia. As lendas sobre seus milagres começaram a exercer influência até sobre os soldados enviados para combatê-lo. Foi morto enquanto fazia uma greve de fome, na frente da batalha. (Sette et al.2013, p. 40)

Os autores do manual didático *Português: Linguagens em Conexão* destacam como a figura de Antônio Conselheiro se tornou lendária, cercada de causos e misticismo. Devido à propagação de boatos sobre ele, o líder passou a ser visto como

⁴ SETTE, Maria das Graças Leão; TRAVALHA, Márcia Antônia; BARROS, Maria do Rosário Starling de. Português: linguagens em conexão. V. 3, São Paulo: Leya, 2013.

⁵ Para José Calasans Brandão da Silva, na sua Cartografia de Canudos(2015) revela que a dúvida em relação a data correta do nascimento de Antônio Conselheiro foi sanada: nasceu na vila Quixeramobim, CE, em 13 de março de 1830.

um "problema nacional" para os governantes, especialmente por conta dos rumores sobre uma possível restauração da Monarquia. Mas o que significaria se tornar um problema nacional? Antônio Conselheiro atraiu uma multidão de pessoas sem teto, sem alimento e sem perspectivas de melhora. Para essas pessoas, ele era visto como um santo capaz de resolver seus problemas. Segui-lo pelos sertões baianos e sergipanos tornou-se algo quase natural para os desamparados e desassistidos pelo governo, que não oferecia serviços básicos como saneamento, saúde, educação, lazer e assistência social, entre outros.

O caso Canudos tornou-se uma questão de honra para os governantes, mesmo porque os jornais do Rio de Janeiro e São Paulo noticiavam diariamente sobre o “foco de monarquistas” no Sertão baiano que almejava tomar o poder, incentivados por um beato “sujo” e “fanático”. E muitos documentos foram forjados e noticiados como verdadeiros, até a prisão de Antônio Conselheiro, como suposto assassino da própria mãe, apesar dele ter pedido a mãe na infância.

Muitos manuais omitem, usam fotografias sem explorá-las, apenas como um ornamento na página. A crônica de Machado de Assis sobre os desdobramentos do fato, fala sobre a falta de diálogo para evitar o massacre ocorrido em Canudos. E a Editora Moderna, através do livro *Português: literatura, gramática e produção de texto*, de Sarmento(2010)⁶ traz essa abordagem, e questionando o porquê das ações tão violentas dos soldados contra uma população indefesa e pobre, o porquê deixaram crescer, chegar aproximadamente 25 mil pessoas num povoado, se era bem mais fácil patrulhar a área evitar as aglomerações.

Quantos diálogos foram possíveis? Um simples fragmento do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha quando presente nos manuais didáticos se multiplica ao associar a outras manifestações artísticas e culturais. Barthes(2001) afirma: “A literatura faz girar saberes, não fixa, nem fetichiza nenhum deles, ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.” (idem, p. 17)

Inegavelmente, o ensino da literatura na educação básica exige de todos nós um giro de saberes sem, necessariamente, fetichizar nenhum deles. Mesmo porque, as forças de poder da literatura, principalmente a “semiosis” promove esse encontro da literatura com outros signos, promovendo a liberdade de criação e transgressão a partir do literário. Cabendo ao professor explorar as entrelinhas de cada texto disposto nos

⁶ SARMENTO, Leila Lauer. *Português, literatura, gramática e produção de texto*. Leila Lauer Sarmento; Douglas Tufano. 1ed. São Paulo: Moderna, 2010, p. 43.

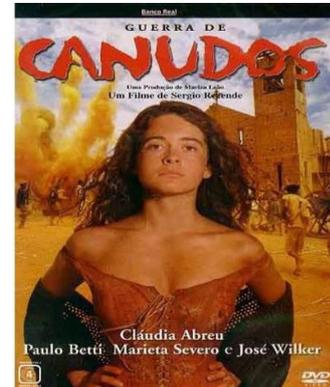
manuais. Veja como o filme Guerra de Canudos, Sérgio Rezende (1997) é apresentado em dois manuais dos mesmos autores, mas em edições e editoras diferentes.

Figura 1: Cena do filme Guerra de Canudos



Fonte: Editora Atual, 2005
Autores: Cereja e Magalhães,
Português: linguagens, v.3

Figura 2: capa de DVD



Fonte Editora Saraiva, 2010/2013
Autores: Cereja e Magalhães,
Português: linguagens, v.3

Sem dúvida as imagens dizem muito, apesar dos autores dos manuais didáticos apresentados não explorarem o filme anunciado, algumas curiosidades em torno das imagens nos chamaram a atenção. Enquanto a figura 1 serve para abrir o capítulo e ganha quase uma página do livro didático, a figura, 2 é uma imagem pequena no canto da página. Sem levantar bandeira sexista nem feminista, mas ao falar da Guerra de Canudos a figura a ser destacada é de Antônio Vicente Mendes Maciel, nascido em Quixeramobim, CE, conhecido por suas andanças e pregações, o popular Antônio Conselheiro.

Com certeza, muitas mulheres contribuíram de forma valorosa no combate de Canudos, substituir a imagem do filme Guerra de Canudos, na qual evidencia o protagonista da guerra, representado pelo ator José Wilker pela atriz Cláudia Abreu (fig. 2) na representação da jovem Luiza que não aceitou a influência do beato Conselheiro e rompe com a família para não segui-lo. O personagem é retratado(fig. 1) com uma túnica azul, barba e cabelos longos, segurando um cajado em uma das mãos, uma imagem que se tornou icônica ao se referir a Canudos. Nos manuais didáticos, Antônio Conselheiro é frequentemente retratado de forma caricatural, acompanhado por elementos alusivos à religiosidade dos moradores de Canudos em diferentes representações artísticas. Percebemos que as marcas semióticas e ideológicas se

modificam de uma editora para outra e escapam através das imagens que centralizam homem versus mulher.

Do romance euclidiano para o cinema de Rezende, ocorrem diversos deslocamentos. Enquanto Euclides da Cunha, apesar das aparentes contradições, conseguiu perceber o crescimento de Antônio Conselheiro ao ponto de torná-lo uma figura histórica, no filme é Luiza quem se destaca, uma mulher bonita e corajosa que se envolve em prostituição e com um militar na tentativa de salvar sua família do massacre iminente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os "Sertões", obra euclidiana presente nos manuais didáticos, surge de diferentes maneiras, cores e abordagens. Não é por acaso que o livro, mesmo após mais de um século de sua publicação, permanece atual e é uma referência nos estudos sobre a temática de Canudos. O autor se multiplicou desde o lançamento da obra, e é importante lembrar que esse processo de multiplicação ocorreu de forma conjunta entre autor e obra. Apesar das divergências encontradas ao trabalhar com estudantes da educação básica, encontramos linhas cruzadas, às vezes emaranhadas, especialmente quando a ênfase é colocada na vida pessoal do escritor Euclides da Cunha, o que pode diminuir a grandiosidade da obra, tentando aprisioná-la às regras gramaticais, semânticas e até aos rumores em torno do autor. No entanto, os diálogos entre "Os Sertões" e o ser nordestino persistem.

Assim que o livro de Euclides da Cunha se associa ao cinema, há essa interação com o teatro também nos manuais didáticos, em Cereja e Magalhaes (2010)⁷

Em 2002, durante as comemorações do centenário de publicação da obra de Euclides da Cunha, o grupo Uzyna Uzona, liderado por José Celso Martinez Corrêa, deu início, no Teatro Oficina, em São Paulo, à representação de Os sertões.

A peça, dividida em cinco partes, levou cinco anos para ser representada por completo, num total de 26 horas de espetáculo.

A peça viajou a Europa e pelo Brasil e, em 2007, foi encenada no estádio de futebol de Canudos, na Bahia, próximo do local onde ocorreram os conflitos. Na ocasião, José Celso declarou:

– Eu quero que a nossa ida a Canudos seja o início de um processo de reparação. Vão pesquisadores de todo lugar do Brasil para lá. Há investimentos para reparar monumentos e museus. Mas a economia local não existe. Assim, como Nagasaki e Hiroshima, o Brasil deve reconstruir Canudos. (Cereja e Magalhães, Os sertões: da Bahia para o mundo. 2010, p. 16)

⁷ Cereja, Willian Roberto; Magalhaes, Maria Tereza Cochar. São Paulo: Editora Atual, 2010,

O livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), expandiu-se desde sua primeira publicação. Hoje, podemos encontrá-lo em diversas formas: no cinema, no teatro, em charges, fotografias, artigos, entre outros. Nessa multiplicidade de manifestações, podemos nos alinhar ao pensamento de Derrida, pois é a desconstrução que gera o gozo e o prazer intelectual. Em nenhum momento desse processo de desmontagem literária há diminuição da obra original, mas sim uma ampliação, permitindo que os estudantes explorem a obra em diferentes contextos.

Entretanto, é evidente que alguns manuais didáticos se revestem de uma capa de “neutralidade” e pouco ou nada discutem sobre o massacre de Canudos, limitando-se a usar apenas fragmentos de *Os Sertões* para explorar questões gramaticais. Isso deixa para o professor de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, a difícil tarefa de introduzir e apresentar a obra, e, muitas vezes, de providenciar exemplares para que os estudantes cheguem à universidade com um conhecimento mais aprofundado. Apesar dessas dificuldades, contamos com sites, blogs e bibliotecas virtuais que nos auxiliam nas discussões sobre a obra.

A discussão sobre o massacre de Canudos precisa ir além da obra *Os Sertões* e da própria Guerra. Os manuais didáticos devem explorar as vozes dos sobreviventes, abordar a manipulação da imprensa por meio de documentos forjados e a perseguição implacável sofrida por Antônio Conselheiro, muito antes de chegar a Belo Monte/Canudos. No entanto, geralmente, limitam-se a fragmentos do texto de Euclides da Cunha, onde o discurso que prevalece é “como se constrói um monstro.”

CONCLUSÕES

Silva (2015), mais conhecido como José Calasans, ao realizar uma cartografia de Canudos, traz informações interessantes sobre Antônio Conselheiro, líder religioso e político de Canudos, no final do século XIX. Nas constantes queixas, principalmente dos religiosos, os termos mais utilizados para retratar o beato Conselheiro eram: “malcriado, agressivo, prepotente, desrespeitador do poder eclesiástico” (Silva, 2015, p. 35).

Além disso, Silva afirma que, bem antes de Antônio Conselheiro perambular pelos sertões baianos, um jornal sergipano (*O Rabudo*) já havia denunciado a presença de uma “criatura mais degradante do mundo”, com uma “multidão de piolhos”, que fazia pregações, perturbava a ordem social e atraía pessoas ao seu redor. De certa forma, há muito tempo Antônio Conselheiro já era alvo das instituições da Igreja e do Estado.

Primeiramente, por "tirar" pessoas das igrejas, alterando conseqüentemente as finanças da Instituição Religiosa, e em segundo lugar, por não aceitar o pagamento de impostos quando a população não recebia assistência do governo. Além dessas instituições, também os latifundiários se incomodavam, pois perdiam mão de obra barata para o Bom Conselheiro.

O episódio ocorrido em Canudos/Belo Monte impactou não apenas o Brasil, mas também repercutiu além de suas fronteiras. Os manuais didáticos de Língua Portuguesa, voltados para o Ensino Médio, através das editoras e autores, precisam estar atentos para não apresentarem uma versão única dos fatos. Enquanto Machado de Assis evita apontar culpados por falta de evidências, muitos manuais didáticos ainda destacam o texto de Olavo Bilac, que celebra o massacre.

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem. (BILAC, Olavo, 1996, apud ABAURRE, Maria Luíza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. V. 3, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 17)

Quando se ouve apenas um lado, os estudantes da Educação Básica acabam incorporando a ideia de Antônio Conselheiro como um “monstro”, “arrogante”, “sujo”, “manipulador”, “diabólico”, entre outros adjetivos pejorativos propagados contra ele. Mesmo "expugnado palmo a palmo", como relata Euclides da Cunha em *Os Sertões*, é necessário ir além e discutir o pós-guerra. A imagem 3, aqui recomendada, pode ser usada para dialogar com o livro *Os Sertões* e ajudar a compreender a própria realidade..

Figura 3: Canudos hoje, 2012



Fonte: Editora FTD, *Esferas das linguagens*, v. 3, 2026
 Autores: CAMPOS, Maria Inês B; ASSUMPÇÃO, Nívia

A figura 3 é uma fotografia das ruínas da igreja de Santo Antônio, na cidade de Canudos, rebatizada como Belo Monte por Antônio Conselheiro. Esse registro faz parte de uma história e de um passado que não podem ser esquecidos. Muitos dos nossos estudantes desconhecem que, além dos intensos bombardeios, a "cidadela maldita" foi destruída em 5 de outubro de 1897, e no dia seguinte, mais de 5.000 casebres foram incendiados. Além disso, em 1968, toda a região foi alagada pelo açude de Cocorobó, que represou o rio Vaza-Barris. No entanto, com a seca, os escombros ressurgem, como na imagem apresentada.

É importante promover o diálogo entre a literatura e outras manifestações artísticas para fortalecer as aprendizagens. Ao unir a literatura com fotografias, charges, pinturas, teatro e cinema, a discussão não se encerra na obra *Os Sertões*. Se "Canudos não se rendeu", nós, professores da Educação Básica, também lutaremos até o fim por uma educação de qualidade. Os manuais didáticos, que geralmente são o principal material consultado pelos estudantes, precisam refletir a veracidade dos fatos sobre a tragédia de Canudos. Quando isso não ocorre, é fundamental buscar outras fontes, promover pesquisas em sala de aula e debater as lacunas deixadas pelos manuais.

Amorim (2022) discorre sobre como os manuais didáticos apresentam uma versão caricatural da Guerra de Canudos por meio de *Os Sertões*. Sem sombra de dúvidas, o principal alvo é Antônio Conselheiro, perpetuando a imagem de um homem com barbas longas e sujas, vestindo um roupão azul, monarquista e manipulador. No entanto, ignora-se o grande líder que Antônio Conselheiro foi. Mesmo em situações adversas, ele conseguiu atrair multidões em defesa da terra; antes de seu grupo se assentar, o local não passava de uma fazenda abandonada.

É possível levar para a sala de aula outros títulos, como *O Silêncio do Sino*, de Ivan Santtana; *O Pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca; *Os Jagunços*, de Afonso Arinos; *A Guerra do Fim do Mundo*, de Mário Vargas Llosa, entre tantos outros que não se contentaram com a versão oficial da guerra. Esses autores, através da literatura, começaram a escrever e a contar suas próprias narrativas, baseando-se em registros, como as cadernetas de bordo, a exemplo de Euclides da Cunha, que veio à Bahia como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*.

Assim, os fragmentos de *Os Sertões* espalhados nos manuais didáticos são como retalhos: alguns são explorados em diálogo com outras linguagens, enquanto outros

apenas enfeitam as páginas. No entanto, todos são úteis, pois é a partir desses retalhos que podemos construir nossa própria colcha de retalhos.

REFERÊNCIAS,

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. Antônio conselheiro nos manuais didáticos: caricatura de um líder. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90477>>. Acesso em: 16/04/2024 16:00

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. *Estudos de “os sertões” na formação discente: entre o livro e o computador*. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97608>>. Acesso em: 16/04/2024 16:09

AMORIM, José Américo. *Histórias do sertão: poemas de Canudos*. Aracaju: Portfolio Editora, 2021.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977*. Tradução e Posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2021

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 1ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marleide Dias Esqueda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. O labirinto dos sertões. In: *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, 2011-. il. 27,7 cm. v.12, n.2., jul.-dez. 2022. p. 227-235.*

LABRES, Claudia. Um labirinto entre ruínas. In: GOMES, Gínia Maria. (org.) *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 241-256

PONTOS DE INTERROGAÇÃO: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia. BERNUCCI, Leopoldo M; NEIVA, Luiz Paulo; SANTOS, Osmar Moreira dos. Dossiê: Revisitar Canudos, reinventar o Brasil. Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, 2011-. il. 27,7 cm. v.12, n.2., jul.-dez. 2022.

ROCHA, Iraci Simões da. *Imagens do intelectual Euclides da Cunha: permanência e deslocamentos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Instituto de Letras, 2006.

ROCHA, João César de Castro. *Guerra cultural e a retórica do ódio – crônica de um Brasil pós-político*, prefácio de Cláudio Ribeiro. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTTANA, Ivan. *O silêncio do sino: um menino na Guerra de Canudos*. São Paulo: Lura Editorial, 2019.

SILVA, José Calasans Brandão da. *Cartografia de Canudos*, 2 ed. Salvador: ALBA, 2015.